

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

CIBELE ABREU DE OLIVEIRA

A CENA TEATRAL BAIANA CONTEMPORÂNEA
E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Salvador

2018.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

A CENA TEATRAL BAIANA CONTEMPORÂNEA
E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Trabalho de Conclusão do Curso de Produção em Comunicação e Cultura
[MEMORIAL DESCRITIVO]

Realização: Cibele Abreu de Oliveira
Orientação: Prof. Dr. Sérgio Sobreira Araujo

Salvador

2018

CIBELE ABREU DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom – UFBA) como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Sobreira

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sergio Sobreira (Orientador)

Prof. Marcelo Ribeiro (avaliador interno)

(Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia)

Profª Renata Rocha (avaliadora interna)

(Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia)

Salvador - 2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lenir e José Carlos, sou eternamente grata pela formação cultural completa que me forneceram desde que nasci. Ter constante contato desde muito pequena com os mais variados tipos de música, filmes, livros e revistas é um luxo do qual sempre fiz questão de me gabar. Essa formação em casa, somada aos anos dedicados à dança, foi determinante na minha escolha pelo curso de Produção Cultural. Da mesma forma o foi o apoio incondicional que nunca deixaram me faltar em todos os momentos da minha vida.

À minha tia Mércia, que me acompanha de muito perto desde que nasci e está sempre presente em todas as minhas conquistas, tanto na torcida quanto no apoio para que eu as realize.

Agradeço aos meus colegas de faculdade Ivan Guilherme, Júlia Moreira e Thiago Andrioli, que se tornaram amigos para a vida ao tornarem meus dias na graduação mais leves e divertidos,. Um muito obrigada especial a Alice Mazur, apoio fundamental que tantas vezes ao longo desses anos não me deixou esmorecer e sempre me impulsionou para cima, do primeiro semestre até essa reta final.

A Camila Ribeiro, Larissa Couto e Mariana Uchôa, que crescem comigo há mais de dez anos. Essas amigas-irmãs me conhecem melhor do que eu mesma e são a certeza de que nunca estarei sozinha.

Às amigas Ísis Gomes e Carolina Saggiaro, que constantemente me dão força e me fazem recordar a minha força, obrigada por todas as palavras nos momentos certos.

Aos professores e funcionários da FACOM, por toda a disponibilidade e colaboração com a minha formação. Ao Lab Vídeo, pelo apoio, principalmente a Thiago e Davide, pela imensa ajuda com o doc.

Ao professor Sérgio Sobreira, por me orientar ao longo deste processo de conclusão de curso e partilhar comigo um pouco de suas vivências do meio teatral.

A toda a equipe do Teatro Módulo, por me fazer sentir em casa num ambiente de trabalho. A Vadinha e Daniela, com quem cresci muito, serei eternamente grata por todo carinho e puxões de orelha.

Agradeço profundamente a disponibilidade e grande apoio de todos os entrevistados para a realização deste projeto: Vítor Barreto, Gil Vicente, Frank Menezes, Fernanda Beltrão, Gildon Oliveira, Paula Lice, Maria Marighella, Vadinha Moura e Fernando Guerreiro.

Aos Demônios, por me permitirem viver um pouco dos bastidores. Igor Albuquerque e Daniel Guerra, obrigada por tornarem isso possível.

A Maristela, provavelmente a única pessoa que sabe realmente quão difícil e importante é essa conquista para mim.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que fazem da arte o principal motor de suas vidas.

RESUMO

Este trabalho trata-se de um memorial descritivo do mini-documentário intitulado *A Cena Teatral Baiana Contemporânea e Suas Condições de Produção*, realizado como conclusão do curso de Produção em Comunicação e Cultura, da Faculdade de Comunicação da UFBA. A realização deste trabalho deu-se através dos depoimentos colhidos com pessoas atuantes da cena teatral baiana, tais como: atores, diretores, produtores e gestores, e da leitura de trabalhos acadêmicos acerca da temática. Os entrevistados para a gravação do produto apresentaram seus relatos de vivência e conhecimento sobre a cena teatral do estado da Bahia, mais precisamente da capital Salvador. Muitos vindos de formação da Escola de Teatro da UFBA, relataram suas trajetórias nas artes cênicas, observando as condições de se fazer teatro na Bahia, ressaltando a importância do apoio do governo com políticas públicas voltadas para a cultura, não só para a execução e manutenção de espetáculos, mas também para garantir a sobrevivência dos profissionais da área, tal como a movimentação da economia a nível estadual e também nacional.

Palavras-chave: Produção teatral. Teatro baiano. Projetos culturais.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1.....	17
IMAGEM 2.....	17
IMAGEM 3.....	18
IMAGEM 4.....	19
IMAGEM 5.....	20
IMAGEM 6.....	20
IMAGEM 7.....	21
IMAGEM 8.....	22
IMAGEM 9.....	23
IMAGEM 10.....	24
IMAGEM 11.....	25
IMAGEM 12.....	25
IMAGEM 13.....	26

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA NA BAHIA	12
2.2 O DOCUMENTÁRIO COMO LINGUAGEM	14
3. OS ENTREVISTADOS	17
3.1. O PROCESSO DAS ENTREVISTAS	17
3.1.1 Vítor Barreto	18
3.1.2 Gil Vicente Tavares	19
3.1.3 Frank Menezes	20
3.1.4 Fernanda Beltrão	22
3.1.5 Paula Lice	23
3.1.6 Gildon Oliveira	24

3.1.7 Maria Marighella	25
3.1.8 Vadinha Moura	26
3.1.9 Fernando Guerreiro	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. APRESENTAÇÃO

Por meio deste memorial, busco traçar o caminho por mim percorrido desde a concepção do mini-documentário intitulado *A Cena Teatral Baiana Contemporânea e Suas Condições de Produção* até a sua realização e apresentar as considerações finais acerca do tema proposto. Este projeto foi executado como trabalho de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com Ênfase em Produção Cultural pela Universidade Federal da Bahia. Partindo da análise dos depoimentos gravados em vídeo com os entrevistados, dos referenciais teóricos adotados e da minha breve experiência na área, é feita aqui a descrição, análise e contextualização de todo o processo de criação do mini-documentário e de sua temática. Foram realizadas nove entrevistas em vídeo, com sete entrevistados, entre atores, gestores, produtores e diretores de teatro atuantes no estado da Bahia.

Desde muito pequena sempre fui estimulada por meus pais a consumir arte. Sempre fui levada a museus, escutávamos muita música em casa, fiz dez anos de ballet clássico e assistíamos, muitas vezes durante o ano, a espetáculos de dança, música e, também, espetáculos teatrais. Certamente foi a partir desse estímulo que se iniciou meu interesse pelo universo do teatro, e durante o colégio ingressei brevemente um grupo teatral. Ao longo do

percurso percorrido por mim na graduação, tive a oportunidade de estagiar no setor de produção interna do Teatro Módulo, em Salvador. Foram dois anos em que integrei uma equipe pequena, acolhedora e muito trabalhadora. Lá, tive a oportunidade de vivenciar na prática os processos por trás de um espetáculo teatral, tal como a gestão de um espaço cultural, numa cidade tão rica de arte e cultura como Salvador.

Enquanto estive no Módulo, adquiri conhecimento com os mais diversos modelos de espetáculo, desde apresentações escolares a novos grupos de teatro, que contavam com a participação de atores consagrados tanto da cena teatral baiana como vindos de outras cidades para temporadas. Foi uma experiência muito enriquecedora para a minha formação, que abriu a minha perspectiva como produtora cultural.

Para além da experiência do estágio no Teatro Módulo, também tive a oportunidade de trabalhar no setor de produção da Mostra e do Prêmio Braskem de Teatro por dois anos. Ao acompanhar montagens em diferentes espaços culturais de Salvador, pude ter contato com muitas produções, equipes de diversos formatos e pessoas muito interessantes. Estagiei também no núcleo de produção do BTCA - Balé do Teatro Castro Alves, onde conheci um pouco sobre o funcionamento do mais importante teatro de Salvador, ao ter contato também com os outros setores do TCA.

A decisão de realizar um trabalho acadêmico sobre a cena teatral baiana me pareceu um caminho natural a ser seguido para a conclusão do meu ciclo na graduação da Faculdade de Comunicação da UFBA. A escolha do formato de mini-documentário se justifica pela intenção de que um pouco da história do teatro baiano, das políticas públicas e das condições de produção aqui na Bahia pudesse ser contada por entrevistados que vivem diretamente esses processos em suas vidas já durante alguns anos. Com entrevistados de diferentes experiências, idades e anos de carreira, busquei abranger os pontos de vista a fim de conseguir abarcar uma perspectiva mais ampla da questão das condições de produção que existem no teatro baiano.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA NA BAHIA

Nesta parte do memorial, busco contextualizar um pouco da história da institucionalização da cultura no estado da Bahia, para o melhor entendimento do cenário atual.

A fundação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia se deu em 1956 por Martim Gonçalves, que foi também o primeiro diretor da escola. O pernambucano artista, que era também médico e professor, foi convidado para tal função pelo Reitor da Universidade, por ser um dos fundadores do Teatro Tablado no Rio de Janeiro e, assim, uma importante figura da cena teatral do país. A Escola de Teatro foi a primeira escola superior de arte dramática do país, conforme explicita Sobreira (2011):

Com uma infraestrutura conquistada com relativa rapidez e dispondo razoavelmente de recursos humanos, materiais e financeiros sem maiores entraves, Martim agregou ao projeto da Escola de Teatro elementos trazidos de sua passagem pelo Tablado, sejam na identidade do repertório – textos de estilos diversos de dramaturgias as mais variadas – seja na estratégia didática de formação.

Um grande marco na história da vida cultural no estado da Bahia é a inauguração do Teatro Castro Alves (TCA) no ano de 1967, contemporâneo à Ditadura Militar brasileira, período tão complicado para a cultura, devido à censura, e também tão diferente (ainda falando culturalmente) do que estamos vivendo na história mais recente do país. Com a inauguração do TCA, veio a necessidade da fundação de um órgão público para se responsabilizar pelo Teatro, surgindo assim o Departamento de Ensino Superior e da Cultura da Secretaria de Educação e Cultura (DESC). O DESC era responsável pelo ensino superior e também pela cultura. “E o que era a cultura? A cultura eram as bibliotecas... A Biblioteca Pública. Não tinha biblioteca no interior, e o desejo pessoal do Doutor Luiz Vianna Filho era disseminar bibliotecas (...). Tinha a Biblioteca Pública, tinha o TCA... Isso era a nossa cultura.” (TAVARES apud ALVES et al, 2004, p. 29). Também durante a Ditadura Militar, foi fundada a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FCEBA), em 1972, e, a nível nacional, a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), em 1975, pelo governo federal a partir do Ministério da Educação e Cultura. No tocante à produção e disseminação da cultura e à participação da comunidade, foi explicitado que:

A ação cultural do Estado e, mais especificamente falando, da Fundação Cultural era evidentemente mais centrada na Capital. Havia as caravanas culturais, uma espécie de pacote de espetáculos, exposições e lançamentos levados ao interior, a algumas das principais cidades baianas. Embora a intenção fosse muito boa – e é sempre muito boa – ela não deixava um residual de efetividade, no sentido de trabalhar participativamente com a comunidade, buscar, digamos assim, corresponder aos seus anseios e potencialidades, criar com a própria comunidade aquilo que ela tinha mais, em perspectiva, de potencial, de significação e de disseminação da informação. (REIBER apud ALVES et al, 2004:38)

A grande virada na cena cultural do estado da Bahia se deu no ano de 1979, quando o governo passou a entender cultura como importante para a economia e a reconhecer a importância da existência de políticas públicas para seu adequado funcionamento e sobrevivência. “O Teatro Castro Alves, tendo José Augusto Burity como Diretor Geral e Theodomiro Queiroz como Diretor Artístico, cumpria, dentro da gestão de Geraldo Machado, a função de promover a animação cultural da cena teatral local” (SOBREIRA, 2011).

Durante o governo de Waldir Pires, foi criada a Secretaria de Cultura, em 1987, dois anos após a criação do Ministério da Cultura (MinC) da gestão Sarney. A década de 80 foi um período promissor da cena teatral baiana, muito por conta das políticas públicas implementadas pelo governo durante esse período. Nomes de conhecidos encenadores do estado, tais como Fernando Guerreiro e Márcio Meirelles, começaram a despontar no cenário neste período e, em 1988, aconteceu a estreia de *A Bofetada*, da Cia. Baiana de Patifaria, espetáculo de maior sucesso da história do teatro baiano, o qual se mantém em cartaz na atualidade, completando, em 2018, e, coincidentemente, no mês de novembro, sua permanência em cartaz há trinta anos. O impacto desse espetáculo na cena do teatro baiano é relatado por Sobreira (2011, p.)

A imprensa, que num primeiro momento reagiu com descrédito ao fenômeno, tecendo críticas pouco elogiosas ao espetáculo, seja pelo seu viés rasgadamente cômico, seja pelo emprego de gírias, bordões e expressões da linguagem popular à exaustão, aos poucos se curvou à presença do público que, ignorando a recepção pouco amistosa da crítica teatral, lotava os teatros de Salvador por onde *A Bofetada* passava. Aliás, essa foi outra peculiaridade introduzida pelo espetáculo: as temporadas maiores de, no mínimo, dois meses em cartaz em cada teatro de Salvador, eram alternadas pelos diferentes espaços existentes, que eram poucos, na época não passavam de oito casas de espetáculos em funcionamento.

Durante a década de 90, a Bahia foi governada pelo famigerado Antônio Carlos Magalhães e, no ano de 1991, deixou de existir a Secretaria de Cultura, dando lugar à Fundação Cultural do Estado, que depois se tornaria FUNCEB, como é conhecida atualmente, órgão responsável pelas políticas culturais no estado. Em 2006, Jacques Wagner se torna governador da Bahia e em 2007 é restituída, a tão esperada pelos profissionais da área cultura, a Secretaria de Cultura. Só assim se inicia o processo de descentralização do investimento da verba pública em cultura para outras cidades do estado para além da capital Salvador, que até então concentrava em torno de 90% do investimento do estado na cultura.

2.2 O DOCUMENTÁRIO COMO LINGUAGEM

A linguagem do meu projeto de conclusão de curso em formato de documentário foi a escolha que mais me pareceu adequada para retratar o objeto de pesquisa (a cena teatral baiana) por meio de relatos de profissionais da área. Procuro contextualizar brevemente neste item um pouco dessa linguagem documental.

Conforme discutido por Bill Nichols, no livro *Introdução ao Documentário*, sempre que assistimos a um documentário nos deparamos com a junção de três histórias: A história através do olhar de quem faz o documentário, a história de quem aparece na gravação e a interpretação do espectador. O mini-documentário que realizei para este projeto procura ser o mais sucinto possível, com poucos movimentos de câmera e enquadramentos semelhantes para que as atenções sejam voltadas ao máximo para o que está sendo dito pelos entrevistados, sem maiores distrações, já que tem a sua linearidade toda composta através das entrevistas. Nesse sentido, atentei-me à seguinte orientação:

“No início da filmagem ainda posso observar um dois tipos de planos que o câmera está usando, depois, nem olho mais para ele. Preciso estar inteiramente entregue a essa ligação, olhando para a pessoa, tentando sentir o que ela está sentindo e tentando passar para ela o que eu estou sentindo, se estou gostando, se não estou gostando. Além do mais, por que mudar a câmera de uma posição para outra? Eu nunca sei realmente o que vai acontecer nesse encontro. Prefiro então que em todos os filmes a câmera fique imóvel; a única mudança se dá em relação ao tamanho da imagem, variando o enquadramento de um close a um primeiro plano ou outro mais aberto. O que depende geralmente da intuição e sensibilidade do fotógrafo porque, como já disse, eu não posso acompanhar. Para mim não adianta uma câmera genial que não escuta. Ele precisa ser tão delicado com o outro como eu sou. Se toda a equipe não estiver entregue, não dá certo.” (FIGUEIROA et al., 2003).

Um espectador baiano terá uma interpretação mais esmiuçada do que é dito pelos entrevistados, já que em grande maioria envolve a história da cena teatral no estado da Bahia e também do cenário político ao longo dos anos que interage por conta das políticas públicas. O que não impede que um espectador de outro estado do Brasil, ou até mesmo de outro país, seja hábil de entendimento do que é abordado ao longo do mini-documentário, já que relatos são apresentados, assim como exemplos são citados pelos entrevistados. Sobre o direcionamento do público a uma possível interpretação, adoto a seguinte linha de pensamento:

Como parte do público, frequentemente encontramos o que queremos ou precisamos encontrar nos filmes, às vezes à custa do que o filme tem a oferecer aos outros. Públicos diferentes veem coisas diferentes; apresentar ou promover um filme de uma determinada maneira pode preparar os espectadores a vê-lo de uma forma e não de outras. Essa prática pode ajudar a filtrar interpretações que projetem histórias de experiência pessoal na história do filme.(...) Nosso desejo de ouvir uma história que fortaleça nossas pressuposições e predisposições frequentemente nos atrai para certos documentários. A habilidade no uso de técnicas retóricas para criar relatos verossímeis, convincentes e comoventes depende do conhecimento que se tenha do público e da forma de atrair seu bom senso e suas histórias preexistentes para fins específicos. (NICHOLS, Bill, 2001, p. 96)

O cinema documental se divide em subcategorias que podem interagir entre si, como, por exemplo, um documentário reflexivo não precisa ser composto apenas de um viés poético, mas pode também conter elementos expositivos e performáticos. As características de maior destaque que se sobressaem na construção de um filme documental irão dar “cara” ao produto, mas não necessariamente defini-lo. Porém, assim como o cinema artístico, por exemplo, o filme em formato de documentário também busca contar uma história. O formato de documentário que conta com entrevistados dando os seus relatos sobre determinado tema, é definido como “documentário participativo”, também conhecido como “cinema de verdade”. O documentário participativo relata o encontro real entre cineasta e temática proposta. “Em outros casos, distanciamos-nos da postura investigativa para assumir uma relação mais receptiva e reflexiva com os acontecimentos que se desenrolam e que envolvem o cineasta.” (NICHOLS, B. 2001,). A posição que tomei como pesquisadora durante a gravação das entrevistas para este projeto foi essa relação mais receptiva e reflexiva ao ouvir relatos diversos de pessoas com grande experiência sobre a temática por mim escolhida. No que tange à importância do engajamento do cineasta e dos seus informantes nos documentários, adotei a seguinte linha teórica:

Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da techedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem. (...) Os documentários acrescentam o engajamento ativo do cineasta com os participantes de seus filmes, ou com seus informantes, e evitam a exposição com voz-over anônima. Isso situa o filme mais honestamente num momento dado e numa perspectiva distinta; enriquece o comentário com a textura de vozes individuais. (NICHOLS, Bill. 200, p. 59).

A minha trajetória profissional, que se iniciou como estagiária durante a graduação de Produção Cultural no Teatro Módulo e se estendeu para a produção do Prêmio Braskem de Teatro durante duas edições, me fez escolher a temática em torno das artes cênicas do estado da Bahia e traz, por isso, a junção da minha visão com a visão das pessoas por mim entrevistadas para a composição do mini-documentário realizado. Isso relaciona-se à colocação feita por Maíra de Brito Carlos, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE:

Cabe ressaltar ainda que a tomada de depoimentos não é uma conversa entre pessoas que não se conhecem. A escolha dos entrevistados – exceto talvez nos casos chamados “fala povo”, típicos do telejornalismo – se dá justamente pela riqueza de histórias e detalhes que a personagem pode contar. Se ela não conhece o documentarista, o documentarista a conhece e irá conduzir o diálogo para registrar as melhores histórias, as reações mais inusitadas, dentro do ponto de vista que defende. Afinal, a entrevista não serve de ferramenta para extrair a verdade do outro. Há uma verdade compartilhada, construída na interação, proposta pela fala do entrevistado e conduzida pelas

perguntas (durante o processo) e pela edição do autor (posteriormente). (CARLOS, Maíra de Brito, 2004)

3. OS ENTREVISTADOS

3.1. O PROCESSO DAS ENTREVISTAS

Como método de pesquisa para a gravação do mini-documentário descrito neste memorial, busquei entrevistar pessoas atuantes da cena teatral baiana com diferentes vivências, trajetórias, experiências, históricos. Para isso, entrei em contato com atores, diretores, produtores, dramaturgos e gestores de diferentes idades, os quais pudessem relatar brevemente sua trajetória no teatro, assim como como seus conhecimentos sobre a cena teatral e as políticas que a envolvem. Os encontros com os entrevistados foram se realizando aos poucos em diferentes locais, horários e datas, pois busquei sempre me adequar à agenda de cada um. Uma vez que as gravações se deram em diferentes espaços com iluminação e ruídos externos distintos, utilizei sempre o mesmo equipamento: câmera, tripé e microfone lapela cedidos pelo Lab Vídeo AV da Faculdade de Comunicação.

A minha escolha de não seguir um roteiro de perguntas pré-determinado teve o objetivo de que a entrevista ocorresse mesmo como um bate papo informal. No início de cada gravação apresentei o tema “A Cena Teatral Baiana Contemporânea” e o recorte “e as suas condições de produção” para que cada um pudesse retratar um pouco da sua vivência pessoal e também apresentar seu conhecimento sobre o tema.

3.1.1 Vítor Barreto

Produtor cultural formado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, é produtor do Grupo Vila Vox de Teatro desde 2015. O Vila Vox conta com seis

integrantes, sendo cinco atores, que também exercem a função de produtores, e Vítor, que atua como produtor. A fundação do grupo se deu em 2001, no Teatro Vila Velha, e, além da montagem de espetáculos e gestão do Espaço Cultural Casa Preta (onde estão desde 2009), o grupo também ministra cursos e edita uma revista chamada Vox Em Cena.

Imagem 1



Grupo Vila Vox em cena com O Castelo da Torre - Integrante Márcia ao centro (2015) - imagem cedida pelo grupo.

Imagem 2



Gordo Neto integrante do Grupo Vila Vox em cena com O Castelo da Torre (2015) - imagem cedida pelo grupo.

3.1.2 Gil Vicente Tavares

Diretor e dramaturgo formado pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, Gil Vicente está à frente do grupo teatral baiano Teatro Nu, que foi fundado em 2006 e conta com uma trajetória de participações em festivais, prêmios e circulação pelo país em temporadas. Foi um dos dramaturgos convidados por Fernando Guerreiro para a criação do texto que levou ao sucesso do espetáculo “Vixe Maria, Deus e o Diabo na Bahia!”, estreado em 2004.

Imagem 3



Marcelo Prado e Gideon Rosa em cena com “Um Vânia, de Tchekhov” com o Teatro Nu.
(Divulgação)

3.1.3 Frank Menezes

Ator baiano que começou sua trajetória em 1983 no Curso Livre de Teatro, até então do Teatro Castro Alves pela Fundação Cultural, Frank Menezes ficou conhecido na Bahia por integrar espetáculos de grande sucesso, como A Bofetada e Vixe Maria Deus e o Diabo na Bahia, que o lançaram para a cena nacional com participação em novelas, filmes e séries.

Imagem 4



Frank Menezes entre colegas da Cia. Baiana de Patifaria em divulgação para A Bofetada (1988) (Divulgação)



Frank Menezes ao lado de João Guisande e Marcelo Prado em *A Capivara Selvagem* (2014) - Espetáculo de comemoração dos seus 30 anos de carreira. (Divulgação)

Imagem 6



Frank Menezes em cena com *O Corrupto* (divulgação)

3.1.4 Fernanda Beltrão

Atriz formada pela Escola de Teatro da UFBA, Fernanda exerce multifunções dentro da cena teatral. Além de atriz, é também produtora e trabalha com cenografia e maquiagem. Está atualmente cursando mestrado também na Escola de Teatro.

Imagem 7



“Para O Menino Bolha” - espetáculo de Paula Lice com produção de Fernanda Beltrão (2014)

- fotos: Fernando M. Meirelles

3.1.5 Paula Lice

Atriz, diretora, produtora e professora, fez parte do grupo Dimenti e, depois do fim do grupo, além de seguir com projetos como atriz/diretora/produtora, desenvolveu também sua carreira acadêmica e hoje exerce a função de professora universitária no curso de Interpretação Teatral da UFRB.

Imagem 8



“Para O Menino Bolha” - espetáculo de Paula Lice (2014) - foto: Fernando M. Meirelles

3.1.6 Gildon Oliveira

Dramaturgo, Gildon é doutorando no programa de pós graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, onde tem também o título de mestre. Especialista em roteiros para audiovisual e graduado em Comunicação Social - Rádio e TV.

Imagem 9



Paula Lice em cena com “Parece Bolero” (2016) de dramaturgia dela com colaboração de Gildon Oliveira.

3.1.7 Maria Marighella

Atriz graduada na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, tornou-se gestora cultural e, após temporada como coordenadora de teatro da Funarte Fundação Nacional das Artes) ligada ao MinC, atualmente está à frente da Diretoria de Espaços Culturais da Secretaria de Cultura do estado.

Imagem 10



Maria Marighella em cena com Wanderley Meira em “Ensaio de Casamento” (2014) - Divulgação

3.1.8 Vadinha Moura

Atriz pela Escola de Teatro da UFBA, está há vinte anos à frente do Teatro Módulo em Salvador, onde também atua como professora da instituição Hora da Criança. Juntamente com a produtora Caderno 2, desde o ano X, Vadinha é responsável pela Mostra e pelo Prêmio Braskem de Teatro, renomada premiação da cena teatral baiana, que, em 2018, realizou sua vigésima quinta edição.

Imagem 11



Prêmio Braskem de Teatro (2018)

3.1.9 Fernando Guerreiro

Diretor teatral responsável por renomados sucessos como “A Bofetada”, “Os Cafajestes” e “Vixe Maria, Deus e o Diabo na Bahia”. Guerreiro é também radialista do programa Roda Baiana na Rádio Metrôpole e como gestor foi responsável por importantes feitos para o estado da Bahia como a reinauguração do Teatro Gregório de Matos e do Espaço Cultural da Barroquinha, ambos no centro da cidade de Salvador. Atualmente, em 2018, é presidente da Fundação Gregório de Mattos.

Imagem 12



Foto divulgação de Os Cafajestes de Fernando Guerreiro nos anos 90.

Imagem 13



Cristiane Mendonça e Frank Menezes em cena de “Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia” de Fernando Guerreiro (2006) - Divulgação

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão a que cheguei ao realizar este projeto foi a de que gostaria de ter me organizado melhor com mais antecedência para que pudesse me doar de forma mais dedicada a todos que entrevistei. Ao me deparar com o processo de pesquisa, tanto no decorrer das entrevistas quanto das leituras realizadas e até das conversas informais que tive, a minha curiosidade quanto à história do teatro baiano só se aguçou. A cada encontro com um entrevistado a minha empolgação com o projeto aumentava substancialmente. Percebi como essa é uma história que precisa ser contada, afinal, compõe a história do estado da Bahia e não tem sua devida importância reconhecida.

Ao analisar a história em si do estado da Bahia, pode-se fazer conexões desde à formação identitária do baiano, passando pela formação do estado, por todos os governos que por aqui já passaram, pelas revoluções e ditadura, o porquê de ser um povo com uma carga cultural tão extensa e interessante. A Bahia lança historicamente inúmeros talentos artísticos

nos mais variados âmbitos, tanto para outros estados do Brasil como também para o exterior, e isso não é à toa. A história explica e justifica essa veia artística nata da população baiana.

Tudo o que foi e é produzido na cena teatral baiana desde o surgimento da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia é realizado primeiramente pelo amor à arte, conforme foi pontuado por todos os artistas entrevistados para esse projeto. O país já viveu diversos formatos de gestão ao longo dos anos e isso se reflete claramente nas políticas públicas dedicadas (ou não) à arte e cultura, e a urgência de que verbas públicas sejam dedicadas a esse segmento vem se estendendo ao longo dos anos. Em alguns momentos da história a destinação de verbas públicas para a arte e cultura alcançou melhorias significantes, mas nunca o que seria ideal para um pleno funcionamento de uma vida cultural digna e bem realizada para a população.

A importância da vida cultural para a identidade de um povo está imbricada nas necessidades básicas do indivíduo. Portanto, o direito à cultura precisa urgentemente ser visto como prioritário, assim como o direito à educação e à saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Sérgio Sobreira. Produção Cultural no Contexto das Políticas Públicas: Uma Análise da Trajetória do Teatro Baiano Profissional no Período de 1988 a 2010 (Tese apresentada para Doutorado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia).

CARLOS, Maíra de Brito. A Problemática da Entrevista e do Depoimento no Documentário Brasileiro Contemporâneo, 2004. (Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Pernambuco)

Figueirôa, A.; Bezerra, C. & Fechine, Y.(2003). O documentário como encontro: entrevista com Eduardo Coutinho. Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, vol. 6. PUC-SP. São Paulo

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário, 5ed. Papyrus Editora, 2010

REIBER, Eulâmpia. Depoimentos. In: ALVES et al. Memória da Cultura: 30 anos da Fundação Cultural do Estado da Bahia. EGBA: Salvador, 2004.

TAVARES, Luis Henrique Dias. Depoimentos. In: ALVES et al. Memória da Cultura: 30 anos da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador: EGBA, 2004.